

A PRODUÇÃO TEXTUAL SOB A PERSPECTIVA DA RETEXTUALIZAÇÃO EM UMA CLASSE DO ENSINO MÉDIO

José Ricardo Carvalho (FUFSE)
ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

As reflexões sobre a cultura oralizada e a cultura letrada vem sendo desenvolvidas e alimentadas por diversas áreas de saber. Uma das perguntas mais recorrentes que os pesquisadores fazem é de como se processa as mediações simbólicas do homem com o mundo por meio da oralidade e por meio da língua escrita. Estudos tradicionais propõem a visão dicotômica entre oralidade e escrita como se as duas atividades fossem totalmente distintas. Enquanto a oralidade é definida pela relação face a face, decorrente do planejamento simultâneo da fala entre os participantes de uma conversação; o discurso escrito é estabelecido por uma interação à distância, havendo maior tempo de elaboração do discurso e a possibilidade de reformulá-lo em seu processo de revisão. Estas diferenças, no entanto, não significam soberania de uma modalidade sobre a outra como uma série de pesquisas e preleções gramaticais defenderam. Para redimensionar estas ideias é preciso compreender mais sobre os elementos que dão sentido ao texto escrito e ao falado para assim avaliarmos o processo de interação entre as duas modalidades. No discurso falado encontramos dimensões emotivas que dão significação as palavras por um viés envolvente como afirma Reyzábal (1999).

As emoções mais intensas e pessoais exigem os sons da voz: do suspiro ao murmúrio até o grito revelam uma explosão vocal do ser, uma maneira de respirar, até mesmo antes da palavra. Na realidade, qualquer um pode “trair-se” pela voz, dizer mais do que diz através do próprio discurso. Pela voz, e não pela escrita em geral, diferenciamos sexos, idades e estados de ânimo. A voz envolve o corpo, por isso se fala de “beber as palavras”, “engolir as palavras” etc. A voz sozinha seduz, como sucede com Circe ou com as sereias, acalma as crianças e os animais; existem vozes cálidas, ásperas, mecânicas, frias, doces, envolventes, agradáveis ao ouvido... Dentro do grupo social, a comunicação oral implica uma função exteriorizadora, autoafirmativa, pois permite a transmissão do discurso que a comunidade sustenta sobre si mesma, o que assegura sua continuidade. (REYZÁBAL, 1999, p. 22)

Como vemos, por meio da fala transmitimos muitas informações que ultrapassam o domínio do código verbal. Uma criança para aprender a falar, por exemplo, precisa interagir com falantes de sua língua materna para aos poucos incorporar o estilo entonacional, bem como aspectos os prosódicos da língua a serem internalizados. Junto a isto, a fala, em muitos momentos, vem acompanhada de movimentos que ajudam a significar as palavras no processo de interação verbal. O envolvimento da falação com a expressão corporal é tão forte que se amarrarmos as mãos de quem fala, enquanto se comunica, provavelmente, o sujeito não terá o mesmo desempenho discursivo. Os gestos, de alguma forma, acompanham e apoiam a organização e complementação de sentidos constitutivos do discurso. Sendo assim, os recursos do discurso oral ultrapassam a dinâmica do universo do sistema linguístico como previam antigos estudos sobre a dinâmica oral.

Como vemos, o discurso falado se constitui de formas verbais e não verbais. Os elementos verbais, isto é, o léxico, a sintaxe, as gírias e mesmo marcadores conversacionais de uma língua, são acompanhados de traços suprasegmentais que orientam o sentido dos enunciados. São compreendidos neste processo, então, as mudanças de tom da voz e o próprio ritmo da fala com suas hesitações, ênfases, pausas e aceleração na produção de um discurso oral.

Segundo Urbano (1999) para estudarmos a língua falada, precisamos antes de tudo considerar os recursos expressivos da língua no momento da enunciação. Um dos traços mais marcante é a entonação que liga a palavra e a experiência concreta do sujeito com o fato comunicado, esta, contudo, só se realiza a partir de um conjunto de variáveis que a torna expressiva. Sendo assim, o autor classifica os fatores expressivos da linguagem falada a ser considerado de acordo com a sua natureza:

a) Elementos *linguísticos* e b) elementos *não linguísticos* ou *paralinguísticos*. Entre os primeiros incluem-se, de um lado, os *verbais* ou *segmentais*, e de outro, os *prosódicos* que, por sua vez, se subdividem em dois tipos: os *suprasegmentais*, como a entonação, a duração etc. e os *co-segmentais*, como a pausa, a ordem etc. Entre os não linguísticos ou paralinguísticos incluem-se os elementos *cinésicos* e os *situacionais*." (URBANO, 1999, p. 122)

Para Urbano (1999) os elementos linguísticos verbais, oriundos das faculdades intelectuais, constituem-se em um processo heterogêneo associado a elementos afetivos que se marcam por traços suprasegmentais. Entre os procedimentos de linguísticos que se destacam na compreensão expressiva dos enunciados, encontramos a repetição, as gírias, os vocativos, o uso de prefixos e sufixos com valor afetivo, as metáforas, os eufemismo, as alusões à fala de outrem, bem como expressões de atenuação etc. Tais aspectos são compreendidos junto a elementos prosódicos suprasegmentais de caráter não verbal, como o tom da voz, a acentuação das palavras, a entonação e a duração de um dizer, seguido, então, de traços co-segmentais tais como a ordem, a pausa e os possíveis deslocamentos funcionam como organizadores e articuladores do discurso. Todos estes elementos envolvidos, quando seguidos por gestos e expressões fisionômicas dão particularidades ao discurso falado.

Contudo, em Marcuschi (2007) vemos que a fala e a escrita são formas de representação verbal cognitiva e social constitutivas das práticas sociais, portanto a língua, elemento nuclear, não se comporta com simples fator de modelação de seus usos, mas sim dos usos que modelam a língua. Sendo assim, fala e escrita; oralidade e letramento são atividades complementares e não opostas, visto que compartilham de semelhanças e diferenças que interagem entre si em processo dinâmico histórico-cultural. A compreensão dos processos de letramento não deve partir de regras que descrevem o funcionamento do código escrito em si, mas das práticas sociodiscursivas em que a escrita e a fala estão inseridas. Desta maneira, a polarização entre fala e escrita não tem sentido no processo de ensino da língua materna, visto que as duas modalidades de uso da linguagem reservam mais semelhanças do que diferenças, pois se constituem do mesmo sistema linguístico, compartilhando de gêneros textuais que intercambiam procedimentos similares na estruturação do funcionamento discursivo.

O ensino da língua materna: a relação oralidade e escrita

A visão teórica de Marcuschi (2001) fornece indicações para o trabalho de produção textual sob a ótica da retextualização, considerado os diferentes gêneros textuais como fonte de estímulo para re-

fletir e agir sobre a linguagem. Em sua proposta Marcuschi (2001, p. 48) prevê a passagem de uma ordem para outra (falada e escrita) pode ocorrer em diferentes níveis. “1. Fala → Escrita (entrevista oral → Entrevista impressa); 2. Fala → Fala (conferência → Tradução simultânea); 3. Escrita → Fala (texto escrito → Exposição oral); 4. Escrita → Escrita (texto escrito → Resumo escrito)”. As operações mencionadas ocupam o território da retextualização, envolvendo mudanças tanto no nível do código como no processo de construção de sentido. Para trabalhar sobre este processo é preciso considerar um conjunto de atividades que o usuário da língua realizar a passagem de uma modalidade para outra ou de um gênero textual para outro. Quando se procura reproduzir um determinado enunciado, por meio de outro código, é necessário se voltar para a atividade de transcodificação. No caso do discurso falado para o escrito temos a conversão da linguagem sonora para a gráfica, considerando um conjunto de convenções.

As mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem. (MARCUSCHI, 2001, p. 49)

Para ilustrarmos o movimento as operações ocorridas na passagem de uma modalidade para outra relatamos uma experiência de retextualização com uma turma de Ensino Médio de uma escola localizada no município de Itabaiana-Sergipe. Descrevemos o trabalho de produção textual realizado, em sala de aula, a partir da exibição de um texto em linguagem cinematográfica, seguido do registro do discurso oral e escrito produzido por alunos de uma classe do 3º anos do Ensino Médio. Os dados obtidos revelam um conjunto de operações linguísticas e semióticas realizadas pelos alunos para transferir conhecimentos de uma linguagem para outra.

Primeiramente, foi exibido para uma turma de alunos do Ensino Médio o filme “Pequenas histórias”, tendo como autor e diretor Helvécio Rattón. O longa-metragem é composto de quatro histórias que intitulamos da seguinte forma: “O casamento do pescador com a Iara”; “O coroinha e o encontro das almas”; “O encontro com Papai Noel” e “A história de Zé Burrardo”. A trama é costurada por uma

velha senhora que narra pequenas histórias em uma varanda de acordo com os recursos da tradição oral.

Depois da exibição em vídeo, foi realizada uma conversa com os alunos a respeito do filme. Explicitaram-se procedimentos desenvolvidos nas quatro narrativas, observando os traços de oralidade explorados na linguagem cinematográfica para tornar o filme atraente do ponto de vista discursivo. De acordo com os alunos, a história que mais chamou atenção foi “O casamento do pescador com a Iara”, pois nela havia a reunião de elementos cômicos e românticos em uma única história. Tal narrativa foi, então, escolhida para organização de atividades de retextualização.

Alguns dias após a exibição do filme, foi pedido a seis alunos que recontassem a lenda oralmente, sendo gravada e posteriormente transcrita de acordo com indicações de Castilho (1989). Os dados transcritos foram devolvidos aos informantes para que lessem e retextualizassem o material. Apresentamos a seguir a comparação entre a transcrição oral e a versão escrita retextualizada pela aluna-A.

Versão oral:

(1) Sim... a história do Tibúcio *.foi assim, né?... é... é como vocês já ouviram... é... foi ...um...um homem... assim que ele ia pescar todos os dias...era o sustento que ele tinha... pra vida dele... morava sozinho numa casa próxima ao rio que ele ia pescar todos os dias ... só qui frequentemente ele não tava conseguindo nada... (ALUNA – A)*

No discurso oral, a aluna inicia a história com um marcador conversacional “sim” para recontar a história do filme. O fato de saber que os outros interlocutores compartilham do mesmo saber, ou seja, já tinham visto o filme, enuncia “como vocês já ouviram...”. Este é um traço típico da cultura oral, chamar atenção do leitor no primeiro instante, revelando que a história já é conhecida por aqueles que se encontram no local. Na cultura de tradição oral, o mesmo acontece, visto que os griots (contadores de história) quando rememoraram as histórias antigas. A narradora, ao fazer a passagem para o texto escrito conserva o mesmo traço da cultura oral, como se tomasse o turno de uma conversa.

Versão escrita:

(1) Sim vou relatar a história de Tibúcio; Tibúcio era o homem pescador que sobrevivia da pesca era seu sustento, ele morava sozinho em casa

próximo ao rio que ele todos dias estava lá, só que certo tempo ele não estava mais conseguindo pescar absolutamente nada. (ALUNA – A)

Na segunda clausula, a informante segue os passos de uma narrativa escrita tradicional: “Tibúcio era o pescador...”. Contudo, utiliza do artigo definido para apresentar um personagem teoricamente desconhecido para os interlocutores. A aluna parte do princípio que todos os leitores de seu texto escrito compartilharam da experiência de assistir o filme, portanto não haveria necessidade marcar o sujeito com pronome indefinido “um” por ser já conhecido pelos interlocutores. Do ponto de vista do ensino, fica claro que é necessário explicitar aos alunos de produção textual a importância de reescrever uma narrativa considerando os leitores ausentes, portanto a organização das informações no discurso escrito precisam ser reconfiguradas de maneira distinta para o efeito bem-sucedido.

A retextualização segue a marcha introdutória da narração com apresentação do cenário em que vivia a personagem, lançando-o para a situação de conflito. A seleção lexical é mantida, acrescentando novos elementos que condensam as ideias. Para produzir o efeito de passagem de tempo decorrido na narrativa, a informante opta pelo uso da expressão “aí” em diferentes momentos da versão oral.

Versão oral

- (2) *aí certo dia* ele viu uma Sereia... *aí...* ela perguntou o que ele fazia lá... *aí* ele contou a história dele... *aí* ele disse qui a certo tempo ele não tava pescando mais.. (3). *aí foi quando ela mandou...* assim... falou pra ele que ele... (ALUNA – A)

Versão escrita

- (3) *Um certo dia como era de costume ele estava lá, triste bem triste e dirrepente aparece uma sereia*, ele ficou surpreso e até assustado, perguntou a ela o que faz aqui? E Ela respondeu sou uma sereia e pediu-lhe que ele contasse o que estava acontecendo ele foi se acalmando e começou a lhe contar. (ALUNA – A)

Na passagem do discurso oral para o escrito, observamos o acréscimo de novas informações a fim de expressar sentimentos do personagem e a criação de suspense por meio da expressão “dirrepente” (de repente), traço típico da oralidade. Por outro lado, há supressão da expressão “aí” na versão escrita, sendo substituída por outras formulações que ajudam o texto progredir do ponto de vista de

novas informações. Acrescentam-se, principalmente, verbos no pretérito que ajudam na evolução temporal da narrativa.

Versão oral

- (7) *at os dois se casaram e foram pra casa dele... a casa dele ...se transformou porque não tinha nada... a geladeira cheia de alimento a casa toda arrumada, tal ... (8) at depois de um certo tempo, ele foi se transformando ... assim...e ela fez.. lembrei agora... ela fez um pedido a ele... que ele nunca fizesse, assim, ela sofrer... porque ... que ele nunca fizesse assim ela sofrer.... at foi assim... ele foi se transformando, bebendo muito... esquecia dela ... ia pras farras com os amigos, bebia chagava em casa bebo, não dava atenção ..a ela... ficava irritado. (ALUNA – A)*

Versão escrita

- (7) Eles casaram ela foi para a casa dele, mas sim, antes ela tinha feito um pedido a ele, que ele nunca a fizesse chorar nem maltratasse a ela. (8) *Mas* com o passar do tempo ele foi se transformando e estava deixando a sua esposa de lado, não lhe dava mais atenção, chegava em casa embriagado ia dormir e ela não falava nada, ou seja, sofredora. (ALUNA – A)

Na versão falada, a narradora manifesta esquecimento de uma parte da história que no texto escrito não é apagado de todo. A expressão “*lembrei*” que corresponde uma hesitação do contador e não do narrador, é retomada pelo função do narrador quando enuncia “Eles casaram ela foi para a casa dele, *mas sim*, antes ela tinha feito um pedido a ele...”. No texto escrito, novamente temos uma condensação de ideias para gerar o clímax da história com a briga entre os personagens.

Como vemos as atividades de retextualização ajudam organizar estratégias de adaptação de um texto em uma linguagem para outra. Para o processo de adaptação é preciso, então, levar em conta o novo contexto discursivo, considerando: o propósito da reescrita, o tipo de relação a ser estabelecida entre os interlocutores na atividade discursiva e organização tipológica na passagem de um gênero para outro. Com este trabalho é possível observar como os alunos podem estabelecer uma relação de paráfrase entre dois textos que exigem um trabalho de reformulação, considerando as especificidades da modalidade falada e da modalidade escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. M./ VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- CASTILHO, A. T. Apresentação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V.. (Orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: UNICAMP, 2006.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- REYZÁBAL, Maria Victoria. *A comunicação oral e sua didática*. – Bauru: EDUSC, 1999.
- SANTANA, Ana Paula. *Escrita e afasia: o lugar da escrita na afasiologia*. São Paulo: Plexus, 2002.
- THOMAS, Rosalind. *Letramento e oralidade na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus, 2005.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCHUSP, 1993.